

METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO SUPERIOR: explorando sua eficácia, desafios e impacto na formação de alunos e educadores

Juliana de Paula Iennaco¹
Douglas Franco Bortone²

Resumo

O ensino superior no Brasil está passando por uma transformação significativa, impulsionada por mudanças sociais, tecnológicas e culturais. A interconexão proporcionada pelas tecnologias digitais e a emergência da cibercultura demandam uma reavaliação das práticas pedagógicas tradicionais. Nesse cenário, as metodologias ativas de aprendizagem emergem como uma alternativa promissora, promovendo a participação ativa dos alunos e a construção colaborativa do conhecimento. O objetivo deste estudo é, pois, investigar a implementação e a eficácia das metodologias ativas no ensino superior, analisando como essas abordagens podem ser integradas ao currículo e às práticas pedagógicas. A relevância do tema se justifica pela necessidade de preparar os alunos para um mercado de trabalho em constante evolução, onde habilidades como pensamento crítico, resolução de problemas e colaboração são cada vez mais valorizadas. A pesquisa busca responder a questões sobre como as instituições estão se adaptando a essas novas demandas e quais políticas estão sendo implementadas para apoiar essa transição. A abordagem qualitativa será utilizada, com métodos como entrevistas semiestruturadas com professores e alunos, além de grupos focais para discutir experiências e percepções sobre as metodologias ativas. Documentos institucionais e currículos de cursos que já incorporam essas práticas também serão analisados, permitindo uma comparação entre diferentes contextos. Os resultados esperados incluem uma compreensão mais profunda sobre a eficácia das metodologias ativas no ensino superior, destacando melhores práticas e desafios enfrentados na sua implementação. A pesquisa pretende identificar as percepções de alunos e professores sobre o impacto dessas metodologias na aprendizagem e no engajamento, contribuindo para a formulação de políticas educacionais mais eficazes e para a capacitação de educadores. O referencial teórico que embasa este estudo inclui autores como Moran (2018), Belloni (2009), Giddens (1991) e Valente (2017), que discutem a importância da inovação educativa e a necessidade de práticas pedagógicas que coloquem o aluno no centro do processo de aprendizagem. Este estudo não apenas busca mapear a situação atual das metodologias ativas no ensino superior, como também oferecer subsídios para a construção de um modelo educacional que valorize a participação ativa dos alunos e a integração das tecnologias digitais, preparando-os para os desafios do futuro.

Palavras-chave: Metodologias Ativas. Tecnologia. Ensino Híbrido. Educação Superior.

Abstract

Higher education in Brazil is undergoing a significant transformation, driven by social, technological, and cultural changes. The interconnection provided by digital technologies and the emergence of cyberculture demand a reevaluation of traditional pedagogical practices. In this context, active learning methodologies emerge as a promising alternative, promoting active student participation and collaborative knowledge construction. The objective of this study is, therefore, to investigate the implementation and effectiveness of active methodologies in higher education, analyzing how these approaches can be integrated into the curriculum and pedagogical practices. The

¹ Doutoranda em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa (UFV); Mestre em Letras, pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF); Psicopedagoga Clínica e Institucional, pelo Grupo UNIS; Especialista em Metodologias Ativas, pelo Grupo Unis; Especialista em Tecnologias da Informação e Comunicação, pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cataguases (FAFIC). E-mail: juliana.iennaco@ufv.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-2848-0740>

² Doutorando em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa (UFV); Mestre em Educação pela Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL). Especialista em Ensino de Sociologia no Ensino Médio pela Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ) e em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Licenciando em Ciências Sociais pela Centro Universitário ETEP e Bacharel em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). E-mail: douglas.bortone@ufv.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0290-3601>

relevance of the topic is justified by the need to prepare students for a constantly evolving job market, where skills such as critical thinking, problem-solving, and collaboration are increasingly valued. The research seeks to answer questions about how institutions are adapting to these new demands and what policies are being implemented to support this transition. A qualitative approach will be used, with methods such as semi-structured interviews with teachers and students, as well as focus groups to discuss experiences and perceptions regarding active methodologies. Institutional documents and curricula of courses that have already incorporated these practices will also be analyzed, allowing for a comparison between different contexts. The expected results include a deeper understanding of the effectiveness of active methodologies in higher education, highlighting best practices and challenges faced in their implementation. The research aims to identify the perceptions of students and teachers regarding the impact of these methodologies on learning and engagement, contributing to the formulation of more effective educational policies and the training of educators. The theoretical framework that underpins this study includes authors such as Moran (2018), Belloni (2009), Giddens (1991), and Valente (2017), who discuss the importance of educational innovation and the need for pedagogical practices that place the student at the center of the learning process. This study not only seeks to map the current situation of active methodologies in higher education but also provides support for the construction of an educational model that values active student participation and the integration of digital technologies, preparing them for future challenges.

Keywords: Active Methodologies. Technology. Hybrid Teaching. Higher Education.

INTRODUÇÃO

A velocidade estonteante com que ocorrem mudanças na sociedade, em todos campos, impõe um olhar atento à sua influência nas diversas áreas do saber. Ao se lançar especial atenção à educação, percebe-se que pouco ou quase nada mudou de significativo nos espaços de ensino, até o fim do século passado. O professor continuou a ocupar o centro da educação, professando seu conhecimento e os alunos permaneceram desatentos na postura de receptores. Foi introduzida alguma tecnologia e isso dissimulou a realidade das salas de aula, promovendo a falsa impressão de que houve avanços e inovação no ensino e aprendizagem.

Nesse cenário, a chegada do século XXI trouxe consigo concepções que se propõem inovadoras para o ensino superior brasileiro, com a utilização massiva de tecnologias digitais e Metodologias Ativas de Aprendizagem³ no Ensino Superior, em especial nas instituições privadas. Esse processo de transformação foi resultado da popularidade das inovações tecnológicas e metodológicas e estão sendo utilizadas como forma de captação, retenção dos acadêmicos e como tentativa de inovar, atendendo à demanda do mundo na atualidade.

Belloni (2009, p. 11), afirma que desde os anos 80, predominam duas manifestações teóricas na área da educação: o modelo fordista de massa e a proposta de uma educação mais aberta e flexível, que aparenta estar mais preparada para as exigências sociais. Ela acrescenta, ainda que a partir da década de noventa, o estilo industrialista perdeu terreno para os paradigmas "pós-modernos e desconstrucionistas".

³ Processo de ensino-aprendizagem no qual o aluno é colocado como protagonista e o professor assume um papel de mediador da aprendizagem.

Dentro dessa proposta, surgiram temas como tecnologias digitais, cultura maker, inovação educativa, que têm ocupado o cenário educacional. Para autores envolvidos com a Educação e antenados com as mudanças constantes que ocorrem na sociedade, como Moran (2018) e Bacich (2018), é necessário revisar o significado, os objetivos, as teorias e as possibilidades de aprendizagem através das metodologias ativas, evidenciando sua relevância, ao mesmo tempo em que devem ser denunciadas as situações em que são utilizadas apenas como modismo. Para esses autores, as Metodologias Ativas devem promover a participação efetiva dos alunos, tornando-os protagonistas e partícipes ativos na construção do seu próprio conhecimento e na aquisição de competências.

Rita de Cássia Borges de Magalhães Amaral (2017), ao prefaciar o livro *Práticas Inovadoras em Metodologias Ativas*, aponta a utilização das metodologias ativas como importante mecanismo para favorecer a autonomia do educando, sua curiosidade e o estimular na tomada de decisões, sejam individuais ou coletivas. Para ela, aprender em seu “próprio ritmo, tempo e estilo”, através de mediação dos docentes comprometidos, pode gerar uma educação inovadora e envolvente.

Embora os estudantes do ensino superior se apresentem mais receptivos às mudanças educacionais, postulem reivindicações e estejam antenados com o uso das tecnologias, no contraponto, os docentes demonstram-se mais propensos à manutenção de metodologias pautadas em didáticas conservadoras e menos adeptas à inovação. Importa ressaltar que, afora os cursos de formação de professores, como a Licenciatura em Pedagogia, os professores do ensino superior, em sua maioria, são bacharéis com pouco ou quase nenhuma formação na área da educação, o que compromete, em parte, a metodologia adotada nos cursos superiores.

Nesse contexto, torna-se importante investigar o uso das metodologias ativas, no sentido de perceber a realidade da adaptação dos estudantes e a forma como produzem conhecimentos, na medida em que esse modelo requer maior comprometimento com os estudos, exigindo leituras prévias para posterior discussão e problematização em sala de aula. A mediação pelo docente como aquele que deve criar desafios capazes de aprofundar o conhecimento, construído de forma individual e coletiva, convida a repensar a docência, suas características, objeto e subjetividade.

Há, ainda, o fato de os jovens que, hoje, ocupam as cadeiras das universidades, serem sujeitos digitais acostumados às tecnologias, ao uso de mídias digitais e isso aponta para a necessidade de adoção de uma educação mais disruptiva. Espera-se que isso gere mudanças sociais a partir da dissolução de fronteiras entre espaço virtual e espaço físico, em um imbricado e constante suceder de expansão do uso das tecnologias. Esse espaço híbrido de conexões, criado pela convergência entre espaços presenciais e virtuais propõe novos modos de expressão

através de uma diversidade de tecnologias e linguagens midiáticas disponíveis para interagir, relacionar e aprender. Os diferentes dispositivos móveis conectados à internet sem fio, vêm sendo utilizados em diferentes espaços, tempos e contextos, e têm gerado mudanças sociais significativas. Através dessas mudanças na participação e colaboração, postula-se a necessidade de uma posição crítica em relação à tecnologia, à informação e ao conhecimento, visto que influenciam as relações sociais levando à emergência da cultura digital. Por sua vez, a cultura digital demanda abertura e flexibilidade para conviver com fluxos diversificados de informações, que perpassam pelos espaços universitários.

Moran (2015), prefaciando o livro *Ensino Híbrido: Personalização e Tecnologia na Educação*, assevera que as mudanças ocorridas nos processos educacionais são naturais e benéficas para o ensino e aprendizagem e acompanham todo o movimento que vem ocorrendo em todos os serviços e processos de produção que foram implantados até as primeiras décadas do século XXI. Para o autor, o ensino híbrido⁴ figura como uma oportunidade de apropriação das tecnologias pela educação, conectando o aluno ao conhecimento através de mecanismos que compõem sua experiência diária.

Assim, alguns aspectos necessitam ser discutidos quando se fala em educação disruptiva, a partir do uso das metodologias ativas e do ensino híbrido. Muitos paradigmas são colocados em xeque, como o papel do professor, a construção da autonomia do aluno, como se organiza o espaço escolar e como integrar as tecnologias digitais no ensino. Para promover as mudanças necessárias na cultura das universidades, é preciso refletir, ainda, sobre a avaliação e como envolver a gestão nesse processo. (Horn, M. B.; Staker, 2015)

Uma questão que permeia esse estudo é a que diz respeito à formação do profissional para o uso das tecnologias e das metodologias ativas. A quem cabe capitanear os conhecimentos? Ao professor ou à instituição de ensino Superior? Qual o papel do aluno nesse processo? Como têm sido os resultados de aprendizagem a partir dessas experiências?

Segundo Dias e Volpato (2017), cabe à instituição de ensino propor experiências que alterem o comportamento dos alunos. A esse cabe estar pronto para participar do processo e, ao professor, desafiar o aprendente para que caminhe de forma ativa na construção de seus saberes. “Ao professor cabe capitanear o processo, desafiando o ser aprendente e fazendo-o trilhar ativamente o caminho da construção do seu conhecimento.” (Dias, Volpato, 2017)

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

⁴ Abordagem pedagógica que envolve momentos/atividades presenciais e a distância.

O contexto atual figura-se marcado por mudanças constantes e aceleradas na forma como a sociedade se informa e se comunica, fomentadas pelo avanço das tecnologias. Essa interconexão tecnológica e informacional, segundo Levy (1999) aponta para um novo espaço de comunicação a que denomina de ciberespaço. Nesse novo espaço, surge a cibercultura, representada por novas técnicas, atitudes, modos de pensamento e de relações vivenciadas nesse ciberespaço. Para o autor, o computador atua de forma a conectar cada componente da rede ao tecnocosmos, a esse dispositivo “hipertextual, disperso, vivo, fervilhante, inacabado: o ciberespaço em si”.

Os jovens estão, cada vez mais, expostos à linguagem midiática e Babin e Kouloumdjian (1989, p. 24) se referem à essa geração como pós-moderna, com características de grande integração ao audiovisual, às novas tecnologias e mídias digitais. Para os autores, os educadores permanecem os mesmos enquanto os alunos já não o são mais. Acrescentam, ainda, que para os professores, apresenta-se o desafio de integrar a linguagem dessas mídias, ao universo educacional, promovendo nas instituições de ensino novas linguagens e formas de lidar com essas novas gerações.

Soma-se a essas considerações, a fala de Prensky (2007) de que nas instituições de ensino, o mais comum até hoje é encontrar usos banalizados das ferramentas tecnológicas, entretanto, quando são utilizadas de forma intencional e comprometida, elas podem converter-se em um poderoso recurso para se realizar aquilo que não foi possível antes do surgimento e popularização das mídias digitais.

A escola, nesse contexto, teria o papel de “espaço de síntese”, segundo Babin e Kouloumdjian (1989). Para eles, cabe à escola promover as condições cognitivas e afetivas para que o aprendente se reorganize e remodele a cultura que os rodeia. A forma de compreender o mundo, desse modo, se dá através das relações dos alunos com instituição de ensino. O papel do professor, nesse cenário, é repensar seu papel de mediador nesse processo de transformação.

O uso de aplicativos como o Skype, Twitter, impressões em 3D, simulações e interação, através das mídias digitais, tem sido uma grande possibilidade de transformações desse universo e a educação pode se valer desses instrumentos para promover aprendizagem de qualidade. Na atualidade, os jovens têm o hábito de obter informações de forma rápida e optam pelas fontes digitais para realizarem pesquisas. Devido a esses comportamentos e por utilizarem a tecnologia digital como uma linguagem, Prensky descreve essa geração como Nativos Digitais, visto que usam essa linguagem digital desde que nasceram. (Prensky, 2001, p. 98)

Essa questão relacionada às gerações tem sido bastante discutida nas pesquisas atuais sob o estigma das “Ciências Sociais” e, sem dúvida, torna-se necessário avançar nessa

discussão, no sentido de pensar as gerações em conjunção com o conceito de subjetividade coletiva. Domingues, (2002) assegura que ao se repensar e desenvolver o tema com mais penetração e precisão, encontrar-se-á uma teorização sobre as gerações, especificamente na modernidade. Isso tornará possível compreender a subjetividade dos nativos digitais e suas peculiaridades no que diz respeito aos seus reais interesses e à sua forma de aprender, o que hoje não pode ser percebido fora da teia dos processos interativos.

Giddens (1991, p. 9) entretanto, aponta para o momento atual, como aquele em que a sociedade se encontra em um período a que denomina pós-moderno, conceito em que os ideais iluministas são ressignificados. Para o autor, "as consequências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes". Ele ressalta que não é a negação do conceito de modernidade, proposto pelo iluminismo, mas sua ampliação.

Nessas duas décadas de século, têm surgido diferentes termos para identificar essa fase: sociedade do consumo, sociedade da informação, pós-modernidade, dentre outros. O uso massivo de tecnologias e a crescente globalização têm marcado esse período. O desenvolvimento das tecnologias leva-nos a repensar certezas e verdades científicas, consideradas anteriormente como incontestáveis. Percebe-se, com isso, que as ciências e sua inserção nos ambientes educativos não têm sido suficientes para modificar o mundo no que diz respeito a ações socialmente responsáveis na sociedade.

Diante disso, a Educação se vê compelida a se adaptar a essa realidade, com inovações metodológicas que otimizem o processo de educação, com ênfase na formação social do indivíduo. Nesse contexto, Leite (2018) destaca a importância de mudanças nas práticas pedagógicas com renovação de métodos, processos e conteúdos educacionais utilizados até o momento, para que não se tornem irrelevantes à essa geração. A manutenção de práticas obsoletas e tradicionais têm contribuído para a permanência de um ensino centrado no professor, distanciando os alunos do processo de construção de seu conhecimento e de sua formação como sujeito crítico e capaz de mudar o mundo em que vive para melhor.

Segundo a OECD - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (2018), a tecnologia se aliou à educação com a finalidade de representar um importante e integral papel na educação. Apesar da recessão que o mundo vivencia, diversos países investiram de forma massiva na promoção de inovações educacionais utilizando-se de tecnologia e da produção de recursos e ambientes de aprendizagem, através das mídias digitais.

No relatório de 2019, "Measuring Innovation in Education 2019" (Medindo a Inovação na Educação) a OECD (2019) traz à discussão a necessidade da inovação na sala de aula, para desenvolver com os estudantes, habilidades que necessitarão no futuro. Uma das dificuldades

apontadas é descobrir a efetividade das inovações educacionais e, se de fato promovem as mudanças nos sistemas educacionais.

Um dos desafios à educação que tem se sobressaído, no momento, é o de repensar as novas propostas educativas para além do livro didático, que não tenham como premissa a fala do professor, tampouco a passividade do aluno, considera Valente (2017, p. 455). É importante propor práticas sociais educativas pautadas na cultura digital, que tenha como foco maior participação dos alunos, criando, inventando, interagindo, sem os limites espaciais e temporais da sala de aula e que transcendam, ainda, os espaços formais de educação. Para tanto, é necessário rever e adequar o currículo e as metodologias para que o aluno seja o centro do processo educativo e a modalidade adequada para isso é a aprendizagem ativa.

Complementando essa ideia, Belloni (2009), atenta para o fato de que as tecnologias digitais não são necessariamente mais importantes ou profícuas do que as mídias tradicionais nos processos de ensino e aprendizagem. Para a autora, mesmo que ainda não se tenha indicativos sobre sua eficácia metodológica, elas fazem parte do cotidiano dos jovens, necessitando, portanto, ser incorporada aos processos educativos.

Sobre esse tema, a literatura brasileira, em grande parte, considera as metodologias ativas, através do uso das tecnologias, como estratégias pedagógicas com foco no aprendente, colocando-a em contraste com o ensino tradicional, que tem como centro o professor. Para tanto, utiliza-se do termo “metodologias ativas” para denominar a aplicação de práticas pedagógicas que envolvam os alunos, tornando-os protagonistas de sua aprendizagem. O que essas metodologias propõem é a criação de situações de aprendizagem em que os alunos constroem conhecimentos sobre os conteúdos através de práticas e atividades que realizam, de forma crítica e reflexiva, com feedback imediato, através de interação com seus colegas e com o professor. (Berbel, 2011; Moran, 2015; Pinto et al., 2013).

Em alternativa, o uso desse termo “aprendizagem ativa” é indicado por alguns autores simplesmente para se referir a situações na aprendizagem em que o aluno age de forma ativa. A essas situações denomina-se “active learning” (Bell; Kahrhoff, 2006), que pode ser traduzido como “aprendizagem ativa”. É comum, ainda, encontrar na literatura brasileira o termo “metodologias ativas de aprendizagem”. (Barbosa; Moura, 2013; Souza et al., 2015; Uvinha; Pereira, 2010)

Na verdade, as metodologias ativas, sob ambas as nomenclaturas, “ativas” ou “ativas de aprendizagem” indicam estratégias pedagógicas que oportunizem aos alunos a adoção de um comportamento mais ativo, mais engajado, para que ao realizar atividades, possam estabelecer relações com o contexto, dando significado ao processo de aprendizagem e os habilite ao desenvolvimento de estratégias cognitivas na construção de seu conhecimento.

Cabe refletir na maneira como essa inovação, através das metodologias ativas, tem chegado nas organizações educacionais. Alguns estudiosos como Christensen; Horn; Staker (2013, p. 3) se ocuparam do tema e buscaram instituir uma organização das diferentes modalidades de ensino que envolvem as metodologias ativas. Os autores mencionam modelos como a Rotação por Estações, o Laboratório Rotacional e a Sala de Aula Invertida, como ferramentas disruptivas em relação ao sistema tradicional.

As metodologias ativas estão se tornando bastante conhecidas no meio acadêmico e sendo utilizadas com maior regularidade nas práticas educacionais. Entretanto, há uma infinidade de outras possibilidades que também proporcionam aos alunos a perspectiva de atuarem de forma mais ativa e protagonista nos processos de ensino e aprendizagem. Trata-se de situações de autoria, como criação de sites, blogs, quadrinhos, bem como os estudos de caso e a aprendizagem baseada na investigação. (Valente; Baranaukas; Martins, 2014)

Entre os modelos de aprendizagem ativa propostos pelos autores há um que vale ser mencionado, que é o uso da metodologia da problematização (Berbel, 1998). Esse modelo de aprendizagem baseia-se nas propostas de Paulo Freire (Berbel, 1999) e consiste na resolução de situações-problema, que ao transcender a proposta de Freire, intencionam que essas problematizações sejam realizadas através do uso de tecnologias na aprendizagem. (Darronqui, 2013)

Embora possa parecer nova, a tentativa de utilizar metodologias que tornem os aprendentes mais ativos no processo de aprendizagem não é nenhuma novidade. Os Cursos de Pedagogia denominavam essas estratégias de “técnicas pedagógicas”, adotando-as em suas matrizes, há mais de 40 anos. Anastasiou e Alves (2004), em “Estratégias de ensinagem”, apresentam 20 propostas de participação ativa dos alunos, em atividades como, aula expositiva dialogada, portfólios e mapas conceituais, que não contam, necessariamente, com o uso das mídias. Interessante notar que os autores não se ativeram ao uso das tecnologias ao mencionarem o uso das metodologias ativas. Eles convidam ao alargamento das perspectivas com relação à utilização dessas metodologias, sem atrelarem o seu uso à tecnologia ou, apenas, a incentivarem por estar em voga no momento.

A esse protagonismo inevitável na transformação social, por meio da reinvenção da educação, da sua adaptação às tecnologias e do uso das metodologias ativas, Fava (2016) denomina “ensino híbrido”. O autor propõe uma reflexão sobre tecnologias digitais, inteligência artificial, robotização, automação, na formação de habilidades necessárias para o profissional do futuro. Para ele, os espaços educativos são o grande pilar na construção do presente e no aperfeiçoamento do futuro.

Para além do uso dessas metodologias ativas, como forma de propor o protagonismo e a autoria do aluno, a avaliação figura como uma questão importante a ser considerada no processo de ensino e aprendizagem, consideram Valente; Almeida (2012). O que se vê são instituições padronizadas, que usam uma mesma avaliação para sujeitos diferentes, preterindo o fato de que a sociedade do conhecimento tem como base as competências cognitivas, pessoais e sociais. Para adquiri-las os indivíduos devem possuir características como proatividade, colaboração e visão empreendedora. Isso requer avaliações mais individualizadas que ainda não são utilizadas de maneira constante.

A didática tradicional, que privilegia a transmissão de conhecimentos pelos docentes e, a behaviorista, que acredita no controle do comportamento por meio do padrão de estímulo-resposta, não fazem mais sentido no cenário educacional atual. Com a popularização das mídias digitais e acesso livre a conteúdos, os alunos aprendem o que quiserem em qualquer lugar, a qualquer hora, de forma individual e coletiva. “Isso é complexo, necessário e um pouco assustador, porque não temos modelos prévios bem sucedidos para aprender de forma flexível numa sociedade altamente conectada.” (Moran, 2015, p. 16)

Masetto (2012) argumenta a favor do currículo realizado por projetos, como uma matriz de mudança provável para a educação em instituições, tornando possível promover o conhecimento efetivo e romper com as propostas conservadoras de práticas pedagógicas tradicionais, que não promovam o senso crítico dos alunos.

Sobre isso, Moran (2014) prevê que é possível ofertar propostas curriculares mais articuladas, que atendam ao desafio posto pelo momento atual, através das tecnologias e das metodologias ativas. Para ele as instituições que apostarem na educação através de projetos pedagógicos, pautados em metodologias atraentes, materiais mais atualizados, profissionais mais capacitados, que atuem através de propostas mais personalizadas e inovadoras irão prevalecer no contexto que se afigura.

Há uma pressão iminente para que essas mudanças aconteçam, entretanto não há tempo para testagens. Importa que as instituições de ensino estabeleçam seus planos estratégicos de como realizarão essa adaptação. Organizar seus currículos, suas metodologias, tempos e espaços é urgente, mesmo que não se possa contar com muitos modelos pré-estabelecidos que tenham obtido sucesso é necessário iniciar o processo de forma mais pontual capacitando os professores, gestores e alunos para se integrarem a esse novo modelo que intercala o ensino presencial e o virtual, através das metodologias ativas e das tecnologias.

Uma forma de se alcançar sucesso é o compartilhamento de aprendizagens já obtidas em projetos, atividades e soluções, que utilizam esse modelo. Depois, é preciso pensar mais estruturalmente para mudanças em um ano ou dois. A seguir, a utilização das metodologias

ativas precisa alcançar os coordenadores, professores e alunos, com revisão dos currículos para que esses se tornem mais flexíveis. As mudanças devem ocorrer aos poucos e, sendo possível, de forma mais profunda e disruptiva, quebrando os modelos tradicionais estabelecidos. (Moran, 2015)

Procópio (2011) assegura que o mundo contemporâneo tem possibilitado inúmeras formas de comunicação, entre elas a de que, mesmo distantes fisicamente, ser possível estar em um lugar virtual, que permita encontros, convergências, divergências e debates. Para a autora, infindas são as possibilidades de comunicação mediadas pelas tecnologias e por sua evolução.

Castells (1999) corrobora essa fala ao asseverar que na contemporaneidade, a presença das tecnologias da informação e comunicação são preponderantes na revolução informacional, promovendo a comunicação em rede, transformando as relações entre as pessoas e, conseqüentemente, abrangendo as relações nos espaços educativos.

A estruturação dos ambientes para receberem as inovações tecnológicas educacionais é um investimento que se faz necessário e urgente nas instituições de ensino superior. Por isso, não se poderia furtar à alusão, neste projeto, de uma reflexão acerca das dificuldades estruturais para implementação das metodologias ativas, mediadas pelas tecnologias, no que tange às premissas necessárias ao acesso aos ambientes virtuais de aprendizagem. Borges (2010) menciona o fato de que, há poucos anos, os recursos acessíveis para interação nesses ambientes eram bastante reduzidos, limitando o acesso dos alunos. Para a autora, “a expansão da comunicação digital” marca um novo momento com possibilidades estendidas de acesso dos alunos às mídias digitais.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para investigar a eficácia das metodologias ativas no ensino superior, analisando como elas impactam a aprendizagem e o engajamento dos alunos, além de compreender as percepções de professores e alunos sobre essas práticas, a metodologia a ser aplicada nesta pesquisa envolve a abordagem qualitativa, permitindo uma compreensão profunda das experiências e percepções dos participantes.

Para tanto, o método proposto é o de coleta de dados com entrevistas semiestruturadas a ser realizada com professores e alunos de diferentes cursos de graduação que utilizam metodologias ativas. As entrevistas serão guiadas por um roteiro que aborde temas como: experiências com metodologias ativas; percepções sobre o impacto na aprendizagem; desafios enfrentados na implementação.

Ainda se pretende a aplicação de Grupos Focais, com alunos e professores para discutir coletivamente suas experiências e opiniões sobre as metodologias ativas. Isso permitirá a troca de ideias e a identificação de temas comuns.

Também será realizada a análise de documentos como currículos e planos de ensino de cursos que incorporam metodologias ativas, buscando entender como essas práticas estão formalmente integradas na estrutura curricular.

A pesquisa será realizada em instituições de ensino superior que adotam metodologias ativas. A amostra incluirá professores de diferentes áreas do conhecimento e alunos de diversos cursos de graduação. Os dados coletados das entrevistas e grupos focais serão transcritos e analisados utilizando a técnica de análise de conteúdo, permitindo identificar categorias e temas emergentes. Serão disponibilizados o TCLE (Termo de consentimento livre e esclarecido). As entrevistas serão realizadas entre outubro de 2024 e junho de 2025. A análise qualitativa será baseada na técnica de análise de conteúdo descrita por Bardin (2011), compreendendo a pré-análise do material e exploração a partir das respostas obtidas.

A análise dos documentos será feita de forma a identificar como as metodologias ativas estão descritas e implementadas nos currículos. Buscar-se-á garantir a confidencialidade dos participantes e obter consentimento informado antes da coleta de dados, de forma a assegurar que os participantes possam se retirar da pesquisa a qualquer momento, sem penalizações.

RESULTADOS E ANÁLISES

Os resultados esperados, nesta pesquisa, são a compreensão de como as metodologias ativas são percebidas e implementadas no ensino superior; a identificação de boas práticas e dos desafios enfrentados por professores e alunos; como também, contribuir para a discussão sobre a eficácia das metodologias ativas na promoção de um ensino mais engajador e significativo. A proposta é alinhar as discussões sobre a importância das metodologias ativas e a necessidade de uma reflexão crítica sobre sua implementação no contexto educacional.

O que se espera da pesquisa é que inclua uma análise abrangente da eficácia das metodologias ativas no ensino superior, com ênfase na identificação de práticas bem-sucedidas e nos obstáculos enfrentados durante sua adoção. Ainda, que revele insights valiosos sobre como essas abordagens influenciam a aprendizagem e o engajamento dos alunos, além de proporcionar uma compreensão das percepções de educadores sobre sua implementação. Com base nesses achados, ainda se pretende oferecer recomendações concretas para a formulação de políticas educacionais mais eficazes, que promovam a capacitação contínua dos professores

e a integração efetiva das metodologias ativas no currículo, preparando os alunos para os desafios do mundo contemporâneo.

CONCLUSÃO

Ao analisar esse fluxo contínuo de ideias, práticas, representações, textos e ações que conectam pessoas através das tecnologias, discussão proposta por esse artigo, pretendeu-se refletir acerca do conceito de “modernidade tardia”, levantado por Giddens (1991) em que as sociedades modernas encontram-se em um momento em que são obrigadas a refletir sobre si, caracterizando a chamada modernização reflexiva ou tardia. Com a abordagem do uso das metodologias ativas e do ensino híbrido, propostas por Moran, (2018) e Valente (2017), pretendeu-se identificar como as relações e conexões se estabelecem entre professores e alunos das universidades, no que se refere ao uso de metodologias ativas na proposta de ensino híbrido, visando a qualidade do ensino-aprendizagem autônomo e autoral.

Para aprofundamento do tema, entende-se necessária a obtenção de dados através da metodologia de entrevista semiestruturada com os atores desse processo, o que permitiria a observação e ressignificação das condutas dos indivíduos, permeadas pelas tecnologias. Ao evidenciar as diferentes formas de percepção das informações coletadas, será possível reconstruir e interpretar de forma mais contundente as relações mediadas pelos espaços e recursos tecnológicos, no que tange aos processos educativos. Isso possibilitará compreender se de fato, as metodologias ativas promovem o protagonismo do estudante ou têm sido utilizadas como mero instrumento de superficialização da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B. Integração de currículo e tecnologias: a emergência de web currículo. **Anais do XV Endipe – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino**. Belo Horizonte: UFMG, 2010. Disponível em: <https://www.academia.edu/33937476/INTEGRA%C3%87%C3%83O_DE_CURR%C3%8DCULO_E_TECNOLOGIAS_A_EMERG%C3%8ANCIA_DE_WEB_CURR%C3%8DCULO> Acesso em: 12 fev. 2021.

AMARAL, Rita de Cássia Borges de Magalhães (Pref.). **Práticas inovadoras em metodologias ativas**. Andreia de Bem Machado... [et al]. — Florianópolis: Contexto Digital, 2017. 174 p.

ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. Estratégias de ensinagem. In: ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. (Org.). **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. 3. ed. Joinville: Univille, 2004. p. 67-100.

BABIN, Pierre; KOULOUMDJIAN, Marie France. **Os novos modos de compreender**. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

BACICH, Lilian. NETO, Adolfo Tanzi. TREVISANI, Fernando de Mello. (Org.) **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

BARBOSA, E. F.; MOURA, D. D. Metodologias ativas de aprendizagem na educação profissional e tecnológica. **Boletim Técnico do Senac**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 2, p. 48-67, maio/ago. 2013. Disponível em: <<http://www.bts.senac.br/index.php/bts/article/view/349>>. Acesso em: 26 jan. 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BELL, D.; KAHRHOFF, J. **Active learning handbook**. St. Louis: Webster University. 2006. Disponível em: <http://www.cgs.pitt.edu/sites/default/files/Doc6-GetStarted_ActiveLearningHandbook.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2021.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a distância**. 5. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2009.

BERBEL, N. A. N. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Revista Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/10326>>. Acesso em: 13 fev. 2021.

BERBEL, N. A. N. **A metodologia da problematização e os ensinamentos de Paulo Freire: uma relação mais que perfeita**. In: BERBEL, N. A. N. (Org.). Metodologia da problematização: fundamentos e aplicações. Londrina: Edue, 1999. p. 1-28.

BERBEL, N. A. N. A problematização e a aprendizagem baseada em problemas: diferentes termos ou diferentes caminhos? **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 139-154, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v2n2/08>>. Acesso em: 14 fev. 2021.

BORGES, E. M. (org.) **No lugar da distância, presenças: formação de professores nas redes digitais**. In: BRUNO Adriana Rocha et al. Tem professor na rede. UFJF. Juiz de Fora, 2010. Páginas 57 a 66.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHRISTENSEN, C.; HORN, M.; STAKER, H. **Ensino híbrido: uma inovação disruptiva? Uma introdução à teoria dos híbridos**. Maio de 2013. Disponível em: <http://porvir.org/wp-content/uploads/2014/08/PT_Is-K-12-blendedlearning-disruptive-Final.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2021.

DARRONQUI, S. R. **Do uso à mediação de tecnologias no ensino-aprendizagem de ciências: uma abordagem investigativa de prática educacional no ensino fundamental**. 2013. 145 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Formação Científica, Educacional e Tecnológica) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

DIAS, Simone Regina. VOLPATO, Arceloni Neusa. **Práticas inovadoras em metodologias ativas**. Florianópolis: Contexto Digital, 2017. 174 p.

DOMINGUES, J.M. Gerações, modernidade e subjetividade coletiva. USP, S. Paulo, 14(1): 67-89, maio de 2002. Tempo Social; **Rev. Sociol. USP**, S. Paulo, 14(1): 67-89, maio de 2002.

FAVA, Rui. **Educação para o século XXI: a era do indivíduo digital**. São Paulo: Saraiva, 2016.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HORN, M. B.; STAKER, H. **Blended: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação**. Prefácio de Clayton M. Christensen. Porto Alegre: Penso, 2015.

LEITE, B. S. Aprendizagem Tecnológica Ativa. **Rev. Inter. Educ. Sup.** Campinas, SP v.4 n.3 set./dez. 2018.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MORAN, J. M. Contribuição das tecnologias para a transformação da educação. **Revista Com Censo**. Vol. 5. Nº 3. Ago, 2018. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2018/08/Entrevista_Tecnologias_Moran_Com_Censo.pdf> Acesso em 03 fev. 2021.

MORAN, J. M. (Pref.) **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Organizadores: Lilian Bacich, Adolfo Tanzi Neto, Fernando de Mello Trevisani. – Porto Alegre: Penso, 2015.

MORAN, J. M. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, C. A.; MORALES, O. E. T. (Org.). **Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens**, v. 2. Ponta Grossa: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015. **Coleção Mídias Contemporâneas**. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2021.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2014.

OECD. Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico - **Measuring Innovation in Education 2019: What Has Changed in the Classroom?**, Education Research and Innovation, OECD Publishing, Paris) Disponível em: <<https://www.oecd.org/publications/measuring-innovation-in-education-2019-9789264311671-en.htm>> Acesso em: 05 fev. 2021.

OECD. Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico - **Education at a Glance 2017: OECD Indicators**. Paris: OECD Publishing, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1787/eag-2017-en>>. Acesso em: 06 fev. 2021.

OECD. Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. **Are the New Millennium Learners Making the Grade? Technology Use and Educational Performance in PISA**, OECD Publishing, 2010. Disponível em: <https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-642-24722-4_2> Acesso em: 06 fev. 2021.

PINTO, S. et al. O Laboratório de Metodologias Inovadoras e sua pesquisa sobre

o uso de metodologias ativas pelos cursos de licenciatura do UNISAL. **Revista de Ciências da Educação**, São Paulo, v. 2, n. 29, p. 67-79, jun./dez. 2013. Disponível em: <<https://www.revista.unisal.br/ojs/index.php/educacao/article/view/288>> Acesso em 28 jan. 2021.

PRENSKY, M. **Digital Natives Digital Immigrants**. In: PRENSKY, Marc. On the Horizon. NCB University Press, Vol. 9 No. 5, October (2001). Disponível em <https://colegiongeracao.com.br/novageracao/2_intencoes/nativos.pdf>. Acesso em 05 fev. 2021.

PROCÓPIO, Elizabete R. **Tecnologias e formação de professores: Implicações Da Educação a Distância** .1 ed. Curitiba: Appris, 2017.109p

PROCÓPIO, Elizabete Ramalho. **Formação de professores e tecnologias: implicações da educação à distância na prática docente**. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011. 148 fl. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/2666/1/elizabeteramalhoprocopio.pdf>> Acesso em: 25 jan 2021.

SOUZA, A. E. et al. **Metodologias ativas de aprendizagem no ensino superior de tecnologia**. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 12., 2015, Curitiba. Anais... Curitiba: PUCPR, 2015. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16714_7546.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2021.

UVINHA, R. R.; PEREIRA, D. Metodologias ativas de aprendizagem no ensino de ciências humanas e sociais. **ComCiência: Revista Eletrônica de Jornalismo Científico**, 10 fev. 2010. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=53&id=673>>. Acesso em: 24 jan. 2021.

VALENTE, V. A.; ALMEIDA, M. E. B.; GERALDINI, A. F. S. Metodologias ativas: das concepções às práticas em distintos níveis de ensino. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 17, n. 52, p. 455-478, abr./jun. 2017.

VALENTE, J. A.; BARANAUSKAS, M. C. C.; MARTINS, M. C. A. **BInv – aprendizagem baseada na investigação**. Campinas: Unicamp/NIED, 2014. Disponível em: <<http://www.nied.unicamp.br/?q=content/abinv-aprendizagem-baseada-na-investigacao>>. Acesso em: 28 jan. 2021.

VALENTE, J. A. Comunicação e a Educação baseada no uso das tecnologias digitais de informação e comunicação. **Revista UNIFESO – Humanas e Sociais**, 2012. Vol. 1, n. 1, 2014, pp. 141- 166.